

SEGUNDA SEMANA TEOLÓGICA

De 1 a 4 de agosto realizou-se em nossa Faculdade a II Semana Teológica. O evento atraiu trezentos participantes, mormente de Belo Horizonte, mas também das outras regiões do Brasil, do Oiapoque ao Chuí.

O intuito do evento se encontrava resumido no título: "Repensar o Cristianismo num mundo plural". O repensar nasceu, na realidade, do sentimento de mal-estar que muitos cristãos hoje percebem diante de um mundo em parte pós-cristão, em parte não-cristão e sem aparente perspectiva de se deixar cristianizar. As religiões mundiais não aparecem mais como crenças pré-cristãs, como até nos anos 60 se dizia, e o agnosticismo pós-cristão ou as gnoses do tipo Nova Era não suscitam muitas ilusões quanto à integração numa visão substancialmente cristã. Antes, convidam a um diálogo de igual a igual num mundo pluralista, que parte do pressuposto de que a verdade não se encontra num campo só. Mundo, aliás, que se sente provocado, se não ameaçado, por crescentes fanatismos religiosos - desta vez, todavia, não oriundos do âmbito cristão, pelo menos não do católico. Em nível de Terceiro Mundo, o fenômeno está ligado também à acelerada mudança sociocultural, às vezes chamada de pós-moderna, embora tal qualificação não se adegue sem mais à nossa realidade, na qual existem muitos espaços ainda não atingidos pela Modernidade. No nosso contexto, o pluralismo mencionado no título seria antes o da diversidade cultural de nossas origens do que o da Pós-Modernidade.

Implícita em tudo isso encontra-se a questão da identidade cristã. Que é que o cristianismo tem a oferecer a este mundo, o que tem a dizer-lhe? E, antes disso, o que é ser cristão, e como articular de modo compreensível e dialogável a resposta a esta pergunta? O assunto dificilmente poderia ser mais fundamental e abrangente. Claro que não foi tratado até a exaustão.

As atividades foram distribuídas entre os períodos da manhã e da tarde. As manhãs foram dedicadas a um ciclo de palestras com possibilidade de debate. A primeira palestra, proferida pelo Pe. Carlos Palácio, Reitor do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), foi ao cerne da questão:

"A originalidade singular do Cristianismo". Mostrou a dialética entre a unicidade do Evento Jesus Cristo e as figuras ou configurações - os cristianismos - que permitem o acesso a este evento.

Como este evento é um acontecer, poderíamos dizer que o primeiro palestrante articulou o verbo da frase. Nos três dias seguintes, foi a vez dos complementos, dos adjuntos adverbiais. O teólogo Jung Mo Sung, de São Paulo, evocou, neste sentido, a circunstância sócio-econômica, a exclusão de amplos setores da população da sociedade de bem-estar baseada no mecanismo de mercado que estamos vendo instalar-se: "A configuração do cristianismo numa sociedade de exclusão". Face à encarnação do Deus de amor e fidelidade na trajetória histórica de Jesus de Nazaré, os fatores desta exclusão, mormente a absolutização do mercado, tomam traços de idolatria. Contudo, não é com um romantismo revolucionário ingênuo, nem com um cristianismo reduzido à dimensão sociológica, nem com uma sacralização igrejeira das metas políticas que se responde a isso, e sim, com uma competente elaboração de alternativas viáveis e pensadas em escala de economia mundial. Para estar firme nesta proposta, o cristão terá como referência a genuína experiência de Deus e de seu inalienável reinado em Jesus Cristo.

No terceiro dia, Ulpiano Vásquez, do CES, tratou da "Configuração do Cristianismo numa cultura plural". Tal "con-figuração" terá como "tipo" a morfe de Cristo-Servo, será a con-formação cristomórfica com aquele que foi escândalo para os judeus e loucura para os gregos, mas esplendor do amor do Pai-nas palavras de Paulo.

No dia seguinte, Mário de França Miranda, da PUC do Rio de Janeiro, iluminou a "Configuração do Cristianismo num contexto plurirreligioso". Acentuou sobretudo que o cristianismo se encarna como religião, partilhando os traços genéricos de todas as religiões e, por isso, capaz de diálogo com as outras. Não obstante isso, conserva sua unicidade e irredutível identidade no ato de fé em Jesus Cristo e em sua obra única e ephapax.

Como conclusão, no último dia, o professor Félix A. Pastor, da Universidade Gregoriana de Roma, recompôs e arrematou a frase, articulando-a de modo bem concreto em vista da Igreja do pós-Vaticano II e, mais particularmente, depois da Conferência Episcopal Latino-Americana de Santo Domingo.

As tardes foram dedicadas a seminários simultâneos versando sobre temas bíblicos (Johan Konings: "A Bíblia nas mãos do povo"; Alberto Casalegno: "Jerusalém e Babilônia: a cidade na Bíblia"), sobre questões ligadas à Libertação (Cleto Caliman: "Teologia da Libertação: ainda atual?"), à eclesiologia (Alvaro Barreiro: "A dimensão eclesial da fé cristã"; Maria Clara Bingemer: "O protagonismo dos leigos"), à ética (Roberto Carlos Drawin: "Luta pela cidadania e ética cristã"; Roque Junges: "A ética sexual e os novos padrões culturais"), e sobre questões pastorais (Alberto Antoniazzi: "O desafio pastoral da cidade"; Ivo Lesbaupin: "Crises e novas expressões do movimento

popular e sindical") e emergentes (Rogério Valle: "Empobrecimento e tecnocracia: uma leitura macro-econômica"; Faustino Teixeira: "A teologia das religiões diante do desafio do pluralismo"). Estes seminários produziram grande satisfação, mesmo que o inesperado número de participantes tenha atrapalhado a dinâmica. Contudo, não podemos nesta reflexão retrospectiva aprofundar a análise destes seminários. Voltemos ao ciclo das palestras matinais, que marcou a linha fundamental do evento.

Como dissemos, o assunto era amplo demais para ser iluminado sob todos os ângulos. Apesar da satisfação geral expressa na avaliação, houve quem observasse as lacunas inevitáveis: faltou sobretudo tempo para ilustrar de modo mais concreto os diversos traços da cultura plural e do contexto plurirreligioso; também a consideração final se movimentou muito numa direção eclesiológica e talvez não tenha formulado com bastante clareza os desafios existenciais e comunitários que foram levados à consciência pelos palestrantes anteriores. Mas estas lacunas não impedem que, com a devida distância hermenêutica, tentemos esboçar a visão que esses dias abriram.

Na obra, em gestos e palavras, de Jesus de Nazaré abre-se uma visão única e irrepetível de referência última da existência e da história. No ato de fé cristã assume-se que o sentido de nosso existir e agir, como indivíduos e na relação comunitária, é o que esta singular existência e morte, coroadas na ressurreição, revelaram. Numa sociedade de exclusão, tal referência só pode provocar uma resistência radical às formas de idolatria que fazem de interesses humanos particulares, falsamente apresentados como o bem de todos, a norma do comportamento e da lei. Em torno disso é que devemos provocar em nosso ambiente cultural, como cristãos, um diálogo no qual nossa visão não se impõe através de um dogmatismo indiscutível, mas se propõe como uma alternativa que já tomou forma no próprio Jesus de Nazaré. A linha judaica e cristã do profeta esmagado, mas redentor da multidão, destoa da cultura e do culto do sucesso e da auto-afirmação, e propõe a verdadeira alternativa válida ao sacrificalismo de um mundo dominado pela violência. Se nesta altura da reflexão não se insistiu muito na monocultura dominante, nem na riqueza e legitimidade das culturas oprimidas, se não se procurou de um lado e de outro reconhecer elementos de humanismo assimiláveis à visão cristã, tal se deve sobretudo ao nível radical da visão exposta, que não confere valor decisivo aos "elementos deste mundo".

O diálogo com as outras religiões e mundivisões "reconhecidas", para ser verdadeiramente produtivo, deverá comportar a articulação clara, sem ambigüidade, desta alternativa cristã, não contudo como palavra única e inquestionável, e sim, como elemento de um diálogo honesto, em que se procura reconhecer uma visada comum de todos os que buscam sinceramente o mistério assinalado pela palavra "Deus". E para um contexto como o nosso, em que existem tradições religiosas reprimidas ou desrespeitadas, a configuração cristã com o Servo Sofredor poderá contribuir para a respeitosa valorização da busca que nestas toma forma.

O que o cristianismo encontra em sua própria identidade e poderá dizer ao mundo será então não tanto o que o humanismo pluralista já está dizendo. Se fosse assim, o cristianismo não estaria em diálogo, mas apenas faria coro com as outras vozes. A existência cristã deverá configurar-se de maneira mais radical com o Cristo-Servo, mas na maior proximidade possível a este mundo, de modo especial, o mundo urbano, mais numeroso e aparentemente mais inacessível. E esta proximidade tomará sobretudo a forma do testemunho prático: o dom da vida pelos irmãos.